



ASPECTOS IDENTITÁRIOS E FRONTEIRIÇOS DOS MODELOS DE CIVILIZAÇÃO RODONIANOS

Renata Baldin Maciel¹

RESUMO: O objetivo desse artigo é realizar apontamentos sobre os modelos de civilização construídos pelo intelectual uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917) que envolvem horizontes fronteiriços e identidades relacionais. As fontes utilizadas são constituídas pelas obras do próprio Rodó, especialmente *Ariel* (1900). Em termos metodológicos, a partir de Dominick LaCapra (2012) será analisado a relação de *Ariel* com o demais corpus do escritor. A interpretação será desenvolvida a partir de uma perspectiva macro que trata da identidade em termos relacionais enfatizando-se a tríade América Latina - Europa – Estados Unidos como base dos modelos de civilização em disputa. O que está em questão é a ênfase na fronteira cultural/identitária, que apresenta um movimento expansivo que ultrapassa os limites geográficos. Esses modelos representam os significados atribuídos à realidade por Rodó, autor que realizou importantes reflexões políticas e culturais a respeito da identidade latino-americana no início do século XX.

Introdução

Nesse trabalho faz-se necessário entender a fronteira não somente como um espaço que separa duas regiões, mas como um espaço socialmente construído assim como enfatizado por Lopes e Ortelli (2006). Miranda destacou que “se a fronteira é o que diferencia uma nação do que está fora dela – o território do Outro – o discurso minoritário assinala a existência de fronteiras internas, que demarcam o espaço heterogêneo da identidade a ser compartilhada” (Miranda, 1997, p.418). Segundo o autor, essa identificação expande e reduz as fronteiras culturais. A fronteira estabelecida por Rodó é territorial e nesse sentido ela apresenta-se sob o movimento de retração na medida em que, por exemplo, divide a América em América do Norte e América Latina e ao mesmo tempo cultural/identitária expandindo-se para além dos limites geográficos. Enquanto produtos de uma colonização europeia o fator cultural alarga as fronteiras e permite que a América Latina aproxime-se da Europa, principalmente da Espanha. A partir da abordagem territorial de Saquet (2013) pode-se ter maior entendimento sobre essa dinâmica.

¹ Universidade Federal de Santa Maria. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSM. Pesquisa financiada pela FAPERGS/CAPES.



Saquet ressaltou que pensar o tempo envolve fatores econômicos, políticos, culturais e suas interações com a natureza, com rupturas, continuidades e ritmos. Para o autor, há múltiplas atividades e territorialidades em nossa vida cotidiana, produto da condição da totalidade existente entre os níveis local, regional, nacional e internacional: as dinâmicas escalar (a real) e reticular/relacional não são excludentes (Saquet, 2013, p.159). Para o autor, a interface existente entre as distintas territorialidades econômicas, políticas e culturais e as relações do homem com sua natureza exterior, são históricas e geográficas. Dessa forma, pode-se dizer que as redes de circulação e comunicação substanciam o território “há, sempre, recriação, novas territorialidades, novas identidades, novos arranjos territoriais, redefinições, novos significados, com des-continuidades” (Saquet, 2013, p.163). A territorialização descrita por Saquet está marcada pelo movimento de apropriação e reprodução de relações sociais, extrapolando as definições que se apoiam somente nas relações de poder político e dos simbolismos dos diferentes grupos sociais, envolvendo também os processos econômicos entrados em seus agentes sociais.

Na filosofia da História de Rodó, qual é o modelo civilizacional que deve ser mantido ou rejeitado? O discurso de Rodó apresenta sua discussão da identidade latino-americana a partir dos modos de civilização, ou exteriores constitutivos (em disputa). Dessa forma a tríade América Latina-Estados Unidos-Europa, vista em termos relacionais, fornece os subsídios para selecionar os ideais que devem ser mantidos ou excluídos do projeto rodoniano de civilização.

Os modelos de civilização rodonianos

Sabe-se que a América Latina, Estados Unidos e Europa são territórios distintos, mas interpretá-los numa perspectiva relacional exige que suas fronteiras sejam entendidas também sob a ótica da identidade. Não se trata de negar a existência, no discurso de Rodó, da fronteira territorial, pois esta pode facilmente ser encontrada na segregação entre América do Norte e América Latina. O que está em questão é a ênfase na fronteira cultural/identitária, que apresenta um movimento expansivo que ultrapassa os limites geográficos, podendo ser verificada na tentativa de Rodó em aproximar os valores superiores da Europa à América Latina com o intuito de promover sua evolução.



Segundo Stuart Hall (2000) para otimizar o entendimento do conceito de identidade é necessário levar em conta um outro, o de identificação. Esta é condicional e não representa uma completa fusão entre o mesmo e o “outro”. Para Hall a identificação é um processo de articulação ou uma sobredeterminação e como todos os processos de significação ela também está sujeita ao jogo da diferença. É nesse processo de contrastes, que implica um trabalho discursivo, que as fronteiras simbólicas são delimitadas. Para consolidar o processo de identificação é fundamental recorrer ao exterior que a constitui.

Dessa forma o conceito de identidade defendido por Hall não é aquele preso a um núcleo estável do “eu” que permanece igual do início ao fim, tampouco a um “eu” coletivo capaz de fixar um pertencimento cultural a uma unidade imutável que se sobrepõe a todas as demais diferenças. Para Hall a identidade deve ser entendida como algo que nunca é unificado, como múltiplas e construídas ao longo do tempo por práticas ou posições que podem se aliar ou se opor. Segundo Hall (2000, p.108) “as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”.

As identidades nascem dos jogos de poder e são muito mais produto da demarcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, em seu significado tradicional sem diferenças internas. As identidades para Hall são constituídas na diferença e não fora dela. Dessa forma a constituição da identidade do “eu” está atrelada ao seu exterior constitutivo, ou seja, ao outro, ao diferente transformado em exterior, ao que foi deixado de fora. Assim, a pretensa unidade das identidades é constituída no interior do jogo do poder e da exclusão. A identidade deve ser então entendida não como um elemento que fixa o jogo da diferença em ponto de origem e estabilidade, mas sim como aquilo que é construída na própria diferença e por meio dela, sendo frequentemente atingida por aqui que deixou de fora.

Ao verificar as ideias de Rodó sobre a América Latina, Europa e Estados Unidos fica evidente que sua proposta de unificação continental é constituída a partir do termo Ibero-americano e não latino-americano. Da mesma forma, ao historicizar o conceito de América Latina no discurso rodoniano, pode-se perceber que essa discussão gira em torno da afirmação do “eu latino” consonante ao “eu europeu” e da negação de um outro, o ianque.

O “ser” latino-americano de Rodó partiu do princípio do que ele não deveria ser: um espelho dos EUA. A América Latina não deveria ser um povo que deixa para trás sua originalidade, que imita passivamente os valores que não servem para melhorar sua condição,



que se apropria do espírito utilitário esquecendo os ideais do espírito, que adota como regime uma democracia degenerada.

Em seu discurso Rodó não repudiou os EUA em si e muito menos seu povo, mas sim um modelo específico de vida. Dessa forma, é possível dizer que a concepção utilitária está na base da identidade civilizacional que ele rejeita. Para Rodó, os EUA têm realizado sobre a América Hispânica uma série de conquistas morais, fascinando os povos com suas vitórias e imprimido em nossos dirigentes e nas multidões, uma crescente admiração pela sua força e grandiosidade. O espírito utilitário privilegia a conquista particular, a busca desenfreada pelo material, nessa lógica correspondem em termos hegelianos ao Mal. O utilitarismo não oferece a liberdade que o espírito universal necessita, pois torna os indivíduos cegos e presos somente ao que materialmente podem conquistar hoje. Dessa forma, pode-se dizer que não haveria no espírito dos EUA um trabalho para o Bem: suas tentativas de domínio de outros povos não estavam marcadas por uma moral superior e por isso não se justificavam.

Os latino-americanos transformaram essa admiração pelos EUA em imitação passiva, pois acreditaram no prestígio e superioridade dessa nação. Desse quadro tem-se uma América Latina deslatinizada que se reconfigura a partir da imagem e semelhança do arquétipo da América do Norte. Não se trata aqui de negar que os EUA pudessem servir de inspiração para as demais nações, mas sim que o seu modelo de civilização não seja utilizado para esmaecer os traços naturais dos povos latino-americanos. Entretanto, para Rodó a imitação não é um mal em si, o problema está na imitação desmedida.

A democracia implementada nos EUA, não estava regulada pela noção elevada das superioridades humanas. Por isso esse regime ficou marcado pelo privilégio do número em detrimento dos benefícios morais da liberdade e pela desconsideração da dignidade alheia. Para Rodó ([1900], 1957, p.235) os EUA potencializaram o utilitarismo: “el utilitarismo, vacío de todo contenido ideal, la vaguedad cosmopolita y la nivelación de la democracia bastarda, alcanzarán con él su último triunfo”.

Apesar das críticas, Rodó reconheceu que sem a conquista de certo grau de bem-estar material seria impossível implementar nas sociedades humanas o reino do espírito. Nas concepções rodonianas tem-se a certeza de que a História demonstra um estímulo recíproco entre os progressos da atividade utilitária e da ideal.



A flexibilidade do pensamento de Rodó quanto aos EUA também pode ser verificada em Ariel (1900) que além das críticas, trouxe à tona as inúmeras qualidades dos norte-americanos, como por exemplo, a tradição do sentimento religioso, visto como a mais alta de todas as idealizações. Essa constitui um espiritualismo delicado e profundo que torna mais ameno o duro espírito utilitário. Outros elementos de destaque são seu entusiasmo, sua vocação para ação e sua vontade manifesta através da originalidade e audácia. Além disso, Rodó considerou que a grandiosidade dos EUA fazia surgir nas demais nações um sentimento de admiração, mesmo quando os desajustes de seu caráter e as violências de sua História eram lembrados. Esse fato levou Rodó a declarar que, embora não os ame os EUA, os admira, devido ao seu exemplo de trabalho e de vontade.

Em relação à Europa: qual é seu papel na filosofia da História de Rodó? É impossível ler as concepções de Rodó referentes à Europa sem lembrar de Hegel. A liberdade universal constitui a direção hegeliana para a humanidade e sua filosofia da História “reelabora, organiza, estrutura, purifica, sintetiza e resinifica a consciência histórica europeia; é um saber deste mundo, uma “verdade histórica”, com uma eficácia histórica sobre os povos não europeu” (Reis, 2013, p.77).

Para ficar mais claro essa aproximação de Rodó e Hegel, a seguir é necessário especificar um pouco mais as concepções hegelianas. Esse filósofo sugeriu três fases para História universal que definem o nível de liberdade do espírito. No entendimento de Hegel (2008), os orientais não sabiam que o homem era livre em si mesmo, para eles apenas um homem era livre. Foi somente com os gregos que surgiu a consciência da liberdade, porém seu conhecimento era limitado na medida em que eles consideravam que somente alguns homens eram livres e não que o homem em si. Foram as nações germânicas, no cristianismo que tomaram consciência de que o homem é livre e que a liberdade é sua natureza intrínseca. Essa consciência teria nascido da religião e sua disseminação para o mundo ocorreu de forma lenta e penosa. Isso pode ser comprovado, por exemplo, no fato da escravidão não ter sido abandonada imediatamente com a aceitação da religião cristã. Dessa forma, levando-se em consideração o princípio cristão da autoconsciência e da liberdade a história universal deve ser entendida como o progresso na busca pela consciência da liberdade.

Com isso é possível notar a importância atribuída por Hegel ao cristianismo. Da mesma forma, Rodó demonstrou seu apreço ao cristianismo, na medida em que concebia essa



prática como um símbolo da alma jovem. Mas o que isso tem a ver com os modelos de civilização? Acontece que a consciência da liberdade universal surgida no cristianismo fez com que os esforços dos europeus se voltassem para revelar essa máxima aos que não eram esclarecidos. Libertar universalmente e salvar todos os povos tornaram-se a missão da Europa germânica-cristã. A humanidade deveria ser cristianizada e europeizada.

Na filosofia da História de Rodó, enquanto elemento constituinte da identidade latino-americana, ou melhor, “euro latino-americana”, a Europa também ocupou um lugar de destaque. Essa concepção está presente nas obras de Hegel, que expressou o ponto de vista europeu da História da humanidade.

Para Hegel a história universal caminha rumo à liberdade. Esse objetivo final é o que Deus quer para o mundo. Dessa forma a natureza da vontade de Deus está expressa pela ideia de liberdade que pode ser apreendida pelo pensamento dos indivíduos a partir da representação religiosa. Esse é o pano de fundo da relação estabelecida por Rodó entre liberdade e a figura de Jesus Cristo.

Em *Liberalismo y Jacobinismo* (1906) Rodó prosseguiu argumentando em prol da liberdade do ser humano através da associação da imagem de Cristo com os preceitos do liberalismo que para ele representava o sumo amor à liberdade. Nessa obra Rodó tratou da polêmica surgida a partir da expulsão dos crucifixos de um hospital. Para ele esse episódio foi injusto e encontrava-se atrelado ao jacobinismo devido ao seu caráter de intolerância e de abstração. Ao alinhar a intolerância ao jacobinismo, Rodó contrapôs esse sistema ao liberalismo, aproveitando para reforçar suas benesses como, por exemplo, o amor à liberdade e a tolerância. Para Rodó os crucifixos deveriam permanecer no hospital e de acordo com a justiça liberal, seria aceitável proibir associações desse símbolo aos ritos religiosos ou venerações, mas não seria apropriado restringir a contemplação da imagem de Cristo, que foi o grande reformador moral da humanidade, a essência da civilização ocidental, o nosso educador e exemplo máximo da conduta correta. No pensamento rodoniano Cristo foi um grande homem e em todos os povos seria possível observar a construção de estátuas para homenagear aqueles que são considerados heróis. Sendo assim, os crucifixos podem ser entendidos como um exemplo da consagração à imagem de Cristo.

Pode-se verificar nesse trecho que a intolerância associada aos preceitos do jacobinismo, de maneira a ratificar que para o liberalismo a imagem de Cristo é aceitável e



benéfica na medida em que representa os atributos nos quais os homens devem buscar inspiração para garantir sua liberdade. É nesse sentido que no discurso rodoniano o liberalismo com sua ideia de coletividade foi reforçado como elemento de sustentação para a filosofia da história de Rodó cuja ênfase está no caráter universal e na liberdade.

Quando Rodó em *Liberalismo y Jacobinismo* (1906) problematizou a figura de Cristo, ele enfatizou que era necessário considerar esse personagem fora da concepção religiosa. Todavia na concepção hegeliana a história universal é atrelada a religião na medida em que ela é entendida como a apresentação do processo divino e absoluto do espírito em sua forma suprema. Dessa forma a religião enquanto união do lado objetivo com o subjetivo tem no Estado a existência objetiva dessa união. Para Hegel, o Estado tem suas raízes na religião, pois esta representa a alma universal, a essência divina.

Em suma, Rodó interpretou o personagem Jesus como a personificação de uma grande tradição humana europeia que representa um elevado conceito de liberdade. Dessa forma, Cristo pode ser entendido como o grande referencial da filosofia da História rodoniana e em termos hegelianos, um homem histórico cujos objetivos apresentam a universalidade.

É nesse sentido que no pensamento rodoniano, o espírito cristão e a herança das civilizações clássicas revestidos pela liberdade, constituem os elementos que podem regenerar a democracia.

Dessa forma, considerando que no discurso rodoniano a Europa remete ao passado, sua defesa pela permanência dos valores do período Clássico e daqueles construídos com o Cristianismo revelam o caráter de linearidade e progressão na filosofia da História de Rodó. Nesse sentido o futuro não representa uma volta ao passado, mas sim a permanência de alguns elementos do passado que são mantidos para formar as bases ideais para a consolidação de uma civilização mais evoluída no futuro. É nesse sentido que se pode atribuir uma permanência associado à Europa (ou passado) na narrativa de Rodó, mas ao invés de continuidade congelada, ela toma forma de arquétipos que direcionam a progressão da sociedade.

Para alcançar a liberdade defendida no projeto rodoniano, é necessário passar por revoluções morais, que ocorrem não pela cultura, mas pela educação. Essas revoluções não se limitam somente a propagar uma ideia, sua condição essencial exige que elas suscitem paixão, fé e entusiasmo. Nos preceitos hegelianos há o entendimento que mesmo considerando o fato



de que algumas paixões individuais são movidas pelo egoísmo, culminando em acontecimentos trágicos, elas são justificáveis, pois são meios da realização final da História universal. É seguindo esse raciocínio hegeliano que a Europa passa a ser entendida como o grande modelo de civilização a ser seguido.

Na concepção hegeliana, o empenho de um povo na realização de seus objetivos particulares o torna forte visto que o espírito universal se expressa através desse. Todavia, quando um espírito adquire o máximo de autoconsciência de si, cai na estagnação e acaba sendo superado por outro repleto de paixão particular. Ao atingir a consciência de si, o espírito universal retoma sua busca pela liberdade, negando sua forma atual e assumindo uma vida nova, mais elevada de outro povo.

Esse processo é marcado por lutas de ruptura com o presente e crença no futuro. Os homens históricos são os responsáveis por destruir o presente para atingir essa proposição universal, mas para Hegel essa violência é acima de tudo moral e correta devido ao seu fim almejado. A proposição universal os conduz sem que eles tenham consciência e os tornam porta-vozes da História. Em suma pode-se dizer que as proposições universais levam um povo moralmente superior a dominar o inferior, elevando o particular ao universal e a realização do Bem e da liberdade. Esse povo superior é a Europa, que é a grande referência de sabedoria e superioridade. A América Latina deve segui-la como exemplo na luta pelo progresso civilizacional. A liberdade é o grande achado da Europa, é a chave de sua sabedoria, mas para efetivá-la, é necessário empregar toda a força da ação, todo ímpeto da vontade jovem, que tem em Ariel sua representação máxima.

Os heróis ou homens históricos na concepção hegeliana são aqueles que desafiaram os homens de seu tempo, que lutaram pela sua paixão a fim de trazer ao mundo a liberdade, que realizaram algo grande, mas que sucumbiram no final de sua empreitada. Todavia, é justamente na ruína desse herói que o espírito universal se manifesta, pois antes de tudo, ele realizou o Bem e é detentor da moralidade superior. Do lado oposto têm-se os indivíduos imorais que não buscam a liberdade universal e preferem a felicidade privada. Essa censura ao privilégio do privado de Hegel está na base das críticas de Rodó em relação ao espírito utilitário.

Nesse sentido tem-se a Europa como a grande heroína do mundo e mesmo diante da violência que aplica aos outros povos, sua ação se justifica por ter em vista um Bem maior, ou



seja, de promover a liberdade dos “ignorantes”. Por isso Rodó insiste que a América Latina deve aprender com os valores e sabedoria da Europa. Ela nos mostrará o caminho do Bem, permitindo-nos elevar nosso status de civilização.

No pensamento rodoniano Cristo foi um dos mais importantes heróis da nossa civilização. Em *Liberalismo y Jacobinismo* (1906) essa concepção ficou evidente na medida em que Rodó defendeu que é preciso valorizar a missão histórica e a originalidade das grandes personalidades que possuíram o caráter de iniciadores e reformadores e que personificaram, em determinados momentos, os impulsos de inovação na sociedade. Dessa forma, mesmo levando em conta a limitação do alcance da vontade e do pensamento pessoal, não se pode negar a um nome particular a glória de uma iniciativa ou de uma revelação nem o mérito de uma reforma. É nesse sentido que atribuir a Jesus a criação da moral caridosa, não implica deixar de lado as forças históricas que moldaram a personalidade humana e que produziram os movimentos morais e sociais, mas sim, reconhecer a influência de Cristo dentro da própria consciência e da ação pessoal dos homens.

O caráter universal também pode ser encontrado em Jesus, pois para Rodó ele foi o primeiro a pensar em uma obra para a humanidade e não somente nos limites nacionais. Segundo Rodó, a caridade surgiu na Antiguidade com os profetas, mas a obra destes era direcionada apenas para o seu povo e sua pátria enquanto que a partir de Cristo, a direção foi alterada de modo a contemplar toda humanidade. Em outras palavras, o espírito de caridade de Jesus assumiu um caráter universal e sobressaiu-se aos seus predecessores. Dessa forma, pode-se constatar que a liberdade para Rodó está atrelada tanto ao domínio dos indivíduos de suas aptidões como ao liberalismo e à imagem de Cristo.

Além da Europa como emissora do Bem maior, em Rodó a juventude é a grande força motriz. Dotada da paixão que leva à ação, ela é a geração humana que marcha para o futuro, que renova as esperanças. Porém, no discurso rodoniano a América Latina, assim como os jovens, ainda não atingiu sua maturidade. Ambos devem aprender com os mais velhos, com os seus mestres, tal como os jovens alunos em *Ariel* (1900) escutavam as lições do mestre Próspero. Aprendendo com a Europa os rumos morais que deve tomar para elevar-se, incorporando em seu interior o espírito de Ariel, a América Latina pode utilizar sua força para transformar-se, para concretizar suas aspirações superiores. Essa imaturidade leva Hegel a



defender que América Latina é a terra do futuro, que se revelará em tempos vindouros um elemento importante da história universal.

Considerações finais

Rodó defendeu uma identificação da América Latina com a Europa, mais precisamente com a Grécia Clássica e também com a Espanha enquanto elo unificador dos povos ibero-americanos apresentando um horizonte fronteiriço amplo e flexível. Nesse sentido defende-se que a forma mais apropriada para denominar a sociedade pensada por Rodó é o termo de “Euro latino-América”. A tríade América Latina–Estados Unidos–Europa representa o núcleo dessa formação identitária fronteiriça que está em constante processo de mudança e que se forma a partir de uma perspectiva relacional, ora absorvendo alguns elementos, ora excluindo outros. Dessa forma por mais que para Rodó o leme da nossa identidade, a consolidação do nosso “ser”, aponte para Europa, nesse quadro os Estados Unidos também apresentam-se como parte essencial dessa identidade na medida em que representam não apenas o outro, mas a nossa face do “não-ser”.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart Quem precisa da identidade? In: Tomaz Tadeu SILVA (organizador). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p.103-133.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 7. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte, Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. Tradução: Maria Rodrigues e Hans Harden. 2ª ed.; reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

LACAPRA, Dominick. “História intelectual”. In: PALTÍ, José Elías. **Giro Linguístico e História intelectual**. 1ª Ed. reimp. Bernal: República Argentina, Universidade Nacional de Quilmes Editorial, 2012, p. 237-294.

LOPES, Maria Aparecida de S; ORTELLI, Sara. “Fronteiras americanas; entre interações e conflitos, séculos XVIII-XX”. IN: **Estudos de História**, Franca, v.13, n.2, p.13-29, 2006.



MARTINS, Rui Cunha. **Da fronteira como mnemônica negocial. Traço, delimitação e narração.** Universidade de Coimbra: Porto, 2002. p.p.147-159.

MARTINS, Rui Cunha. “O paradoxo da demarcação emancipatória: a fronteira na era da sua reprodutibilidade icônica”. IN: **Revista de Ciências Sociais**, Coimbra, n.59, p. 37-63, fev. 2001.

MIRANDA, Wander Melo. “As fronteiras internas da nação”. IN: **Cânones e Contextos**. 5º Congresso ABRALIC – Anais. Vol. 1. UFRJ: Abril, 1997, p. 417-423.

REIS, José Carlos. **História da “consciência histórica” ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricouer.** 2ª Reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

RODÓ. José Enrique. “Ariel”. IN: - José Enrique Rodó – **Obras Completas**. (1900) Ed. Aguilar: Madrid, 1957, p.189-244.

_____. José Enrique. “Liberalismo y Jacobinismo. La expulsión de los crucifijos”. IN: - José Enrique Rodó – **Obras Completas**. (1906) Ed. Aguilar: Madrid, 1957, p.247-291.

_____. José Enrique. “Motivos de Proteo”. IN: - José Enrique Rodó – **Obras Completas**. (1909) Ed. Aguilar: Madrid, 1957, p.295-480.

_____. RODÓ. José Enrique. “Ibero-América”. IN: El Mirador de Próspero. - José Enrique Rodó – **Obras Completas**. (1913) Ed. Aguilar: Madrid, 1957, p.671-672.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções de território.** 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões 2013.